

Adriana Neves



Bem-vindos ao
Universo **TEA**
Diferente nas diferenças



ABarros
editora
Inclusiva

Copyright © 2024
Adriana Freitas Neves
Bem Vindo ao Universo TEA

Copyright © desta edição
ABarros editora INCLUSIVA

Revisão
Dricka Barros | editora

Organização da obra
DRIAUTISTA

Projeto Gráfico | Diagramação e Capa
Júnior Barros

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

N518b

Neves, Adriana

Bem vindos ao universo TEA: diferente nas diferenças / Adriana Neves. – São Paulo: ABarros, 2024.

95 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-85075-66-4

1. Autobiografia. I. Neves, Adriana. II. Título.

CDD 808.06692

Índice par

1. Autobiografia



Rua Frei Gaspar, 57 - Centro - São Vicente
CEP: 11310-060 - São Vicente - SP
11 9.9801-6839 | 11 9.7764-9788
@abarroseditoraoficial
www.abarroseditora.com
abarroseditora2@gmail.com

LEI DE DIREITO AUTORAL 9.610
NÃO REPASSE!

Dedicatória

A Deus, aos meus pais adotivos, aos biológicos — que não sei quem são — e familiares.

Aos meus filhos adotivos.

Aos meus amigos, à toda comunidade autista e comunidade dos autistas. À minha crença religiosa, fundamental em minha vida.

Às pessoas que conheço e conhecerei.

Aos meus colegas de trabalho, meus médicos que cuidam de mim e a mim mesma

por ser quem sou e me desafiar
para o contexto da vida terrena.

Sumário

A PRIMEIRA INFÂNCIA	15
A SEGUNDA INFÂNCIA E PRÉ- ADOLESCÊNCIA	31
ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE	43
EU E O TRABALHO COMO PROFESSORA ...	51
UMA FASE JOVEM-ADULTA	59
ME SUPORTANDO, SURTANDO E ME SUPERANDO EM BUSCA DE UMA ADOÇÃO	71
AS CRISES, OS COMPORTAMENTOS, DEPRESSÃO E ANSIEDADE	86
COM OS TRANSTORNOS, PORÉM EM BUSCA DA SEGUNDA ADOÇÃO E UMA “BOMBÁSTICA” REVELAÇÃO	103
A SEGUNDA ADOÇÃO RECUPERANDO DA REVELAÇÃO BOMBÁSTICA	126
UMA TERCEIRA ADOÇÃO??? OUTRO DESAFIO NA VIDA	138

EPÍLOGO	164
SOBRE A AUTORA	184

Prefácio

O objetivo deste livro é proporcionar às pessoas o conhecimento de uma TEA¹ adulta e laudada em uma idade mais avançada, com suas características peculiares, como todos os TEA possuem.

Relatar os meus desafios desde a infância até o momento em que estou ainda na Terra.

Sem capacitismo e romantização, trago aqui um

¹ Uma TEA – pessoa diagnosticada com o Transtorno do espectro do autismo ou pessoa autista

contexto verdadeiro sobre minha vivência com neuro típicos e com atípicos.

Somos breves em nossos relatos, dizendo o necessário, sem delongas, onde não me desestabilize mentalmente e nem me proporcione uma sobrecarga sensorial. Dizendo ainda que quanto mais real e objetivo for para mim é o que preciso, além do mais, meu cérebro é hiper acelerado e atípicos como eu, também não querem um livro enfadonho, que não desenrole rápido as cenas... coisas de TDAH² e

² TDAH – Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade

TAG³ que também tenho associados. E no presente, momento, me identifico com uma comorbidade também associada: TC (transtorno de conduta)

Creio ser também uma abordagem rápida, que possa servir para algo em tua vida. E quem sabe você não se inclua nessa história, observando seu comportamento e dos seus conviventes?

Deixo aqui um “até mais” da
DRIAUTISTA.

³ TAG – Transtorno de ansiedade generalizada

Introdução

Ter o diagnóstico de TEA na vida adulta é desafiador ou um alívio para a pessoa e seus conviventes.

Digo isso pois nesse livro venho relatar sobre minha vida e vivência como agora, apelidada por mim como: DRIAUTISTA, diferente nas diferenças.

Este tema é pertinente, pois mais pessoas adultas estão se redescobrando com TEA devido a terem filhos já laudados ou ainda com o laudo para fechar

e que apresentam características do espectro.

Na atualidade o tema AUTISMO está por toda parte na mídia e na realidade, está bem concreto para quem quiser entender sobre o mesmo, sendo que existem casos na família, no trabalho e demais locais.

A origem do Autismo ainda é um enigma, por isso não ficarei abordando falas, palestras, artigos científicos e demais cursos de capa ou citações existentes que falam a mesma coisa. Há outros que inventam alguma coisa, aquilo

viraliza e simplesmente todos acreditam.

Meu hiper foco é outro. Estudo sobre Autismo para aprender um tanto sobre mim, como atuar no local de trabalho (CEMEI), no qual, trabalho com crianças no espectro, tenho filho com TEA também, com várias comorbidades. E todo esse pequeno aprendizado ajuda-me a ter o suporte nos dias atuais e óbvio, para o meu futuro.

Corresponde, certamente ao que presenciei, senti, frustrei e colabora com todos os meus porquês.

Sou uma ativista da inclusão, Inclusão e integração juntas. No meu profissionalismo, no magistério atuo, uso das estratégias que fui criando, estudo muito e busco dar o melhor de mim. Aprendi assim. (Esse termo)

Simples, não é?

Para mim, NÃO.

Sofri e sofro ainda, mas não gosto de dramas com isso e não gosto de vitimismo.

O tal *bullying* é cruel. O importante é que sobrevivi, esforço para me superar e creio que neurônios existem para serem estimulados.

Este é o segredo: Estimule
seus neurônios lendo meu livro,
quem sabe o ouvindo também.

ATENÇÃO
PASSAGEIROS!!!! BEM-
VINDOS AO UNIVERSO TEA.

1.

A PRIMEIRA INFÂNCIA

O que relatarei aqui é uma situação que mais adiante, entenderão precisamente sobre como consegui descrever um pouco sobre essa primeira infância.

Ainda ignoro por completo qual foi a verdadeira origem do bebê Adriana. Existem pelo menos quatro versões para a minha existência e de como aconteceu de eu ir para um lar na zona rural com apenas dez dias de vida (assim dizem). É uma incógnita para mim, eu

que gosto de ser exata, assim como na matemática.

Disseram que:

No dia 12 de abril de 1967, chegou ao lar da senhora Eulália Fernandes das Neves e do senhor José Augusto das Neves Júnior, hoje já falecido, em pleno aniversário dele, um bebê com apenas uma roupinha de hospital, aos berros, com o umbigo inchado e cheio de assaduras.

Um parente do meu pai adotivo, disse ter me levado após encontrar minha mãe biológica desorientada na rua, sem leite para me amamentar e

desesperada, tendo como alternativa me colocar na rua ou na porta de alguém. Pessoa jovem, expulsa do lar, rejeitada pelo homem que a engravidou e totalmente desnorteada (fala dele). Segundo disseram, uma das versões é que com quem ela conversou, se sensibilizou e disse que me levaria para um lugar onde seria acolhida e muito amada. E o acordo era que ela nunca mais me procurasse.

Pois bem, no dia do aniversário do meu pai, que estava completando trinta e cinco anos e que não podia ter filhos, mas desejava muito ter

uma criança, lá chegou eu, eu mesma.

Estavam em festa, jogando baralho. Eu cheguei, a festa parou e logo, segundo minha mãe, trataram de me banhar, higienizar e achar uma mamadeira para eu beber leite da vaca.

— Está aqui, para você, tio Zezé, um presente! — Disse o sobrinho do meu pai.

— Presente? Qual presente? — Ele perguntou.

Quando me mostraram a ele, completou:

— Mas é um presente de grego!

Não sei o que tem a ver a Grécia com isso, só sei que parece não ser bem legal. Ah, se eu pudesse, levantava e saía correndo daquele lugar. Mas eu era um bebê indefeso e com fome. Fazer o quê?

Meu pai me registrou no dia do seu aniversário, doze de abril.

A partir daquele dia, eu vivia no colo de todos — que tantos mimos! Colo pra cá, colo pra lá (relatos da minha mãe adotiva) e como cheguei sem roupinhas de bebês, ia

ganhando muitas roupas. Minha avó paterna me enchia de mimos, e foi minha madrinha quem colocou esse nome que tenho. Ainda bem, senão seria Ariam, Regina...Não são nomes feios, mas nada a ver comigo.

Completei um ano de vida e ao chegar aos dois anos, ainda não andava. Segundo minha mãe adotiva, a dona Eulália, faziam simpatias (Sou a rainha das simpatias. Já ouvi várias que fizeram comigo. Até banho no sangue do tatu. Que nojo!). Para eu andar, era pular o cocho das vacas comigo no colo. Essas coisas eram coisas dos antigos, pessoas daquela

década usavam muito as tais simpatias, ainda mais na roça. A tal do sangue do tatu, para nunca ter problemas na pele. Deu certo. Só que não indico a ninguém. Tenho uma versão genética desconhecida, vá que seja isso que herdei dos biológicos. Bem, eu só sei que andei, não sei quando. A partir de então não apenas andava, corria pelos pastos e fugia com os cachorros para a rodovia.

Minha mãe era professora e eu fui para a escola rural aos cinco anos de idade, aprendi a ler e a escrever.

Lembro que eu dizia que guaraná era gangá. Não

parava quieta, corria muito,
atravessava pinguelas,
montava em uma égua mansa,
chutava bola com o pé
esquerdo e fazia muitas “artes”.

Todos os dias eram umas
chineladas daquela Havaiana
antiga. Eu balançava muito
quando andava na carroça com
meu pai e acabava levando um
tapa e caía nos pés da égua.

Eu não gostava que
penteassem meu cabelo
porque doía minha cabeça. Um
dia resolvi dar um jeito: Peguei
a tesoura da minha mãe e o
barbeador do meu pai, escondi
no paiol, cortei todo o cabelo e
raspei as sobrancelhas, ah! Eu

via meu pai raspar a barba...
apanhei mais uma vez.
Naquele dia, fui para a cidade
consertar o estrago.

Naquela época, adorava
doce de leite e requeijão que
minha tia fazia, quando ela não
queria fazer, eu a trancava no
banheiro pelo lado de fora, daí
ela fazia e era tudo de bom.

Todos gostavam de mim.

Aconteciam aquelas festas
de roças com fogos de artifícios
que odeio e muita gente. Eu
gritava e esperneava. Era
barulho demais e muitas
pessoas. E lá iam meus pais
embora comigo. Eles não

ficavam em uma festa pois eu chorava e gritava.

Eu colecionava vidrinhos e os colocava um ao lado do outro. Falava sozinha o tempo todo e meus amigos para brincar eram os porcos, os gatos, cachorros e algumas cobras que eu via — Deus me protegeu muito!

Adorava dançar para as vacas para elas correrem atrás de mim. Quase matei minha mãe! Eu não, a vaca! Como apanhei...

Não gostava que meninos e meninas da cidade fossem para a roça. Mexiam nas minhas

coisas e pegavam a melhor parte do frango, claro, a que eu gostava: Um osso do dorso do frango que eu e meu pai usávamos para jogar, então acabava batendo neles. Jogo esquisito: Um puxa de um lado do osso, o outro do outro, o que ficar com a parte maior ganhava o jogo.

Todas as coisas diferentes e erradas possíveis para uma criança fazer, eu fazia. As pessoas diziam para o meu pai:

— Você não corrige essa menina! — E ele respondia:

— Só se eu a matar!

Tinha uma prima que falava:

— Lá vem o saco de osso com um caroço.

Nunca entendi isso, nem me importei.

Via lobos, onças, peixes. Aprendi a nadar no rio com meu pai. Quando eu apanhava da minha mãe, corria para a lavoura, encontrava meu pai no trator e ficava com ele, arando a terra. Onde ele ia, eu ia atrás.

Sempre fui ruim de apetite, comia mal, sempre a mesma coisa, arroz e pão. Na roça era mais pão caseiro.

Caso visse tocos de cigarros no chão ou alguém fumasse perto de mim, aí que eu não comia mesmo. Como meu pai era fumante e os peões também, eu fugia e ia comer na casa da minha madrinha.

Foram muitas coisas que passei na infância, pais amorosos, familiares bons, tudo de bom. Só eu que não era considerada normal. Gostava de gente adulta e tinha respostas óbvias.

Adorava meus esconderijos. Atrás das pilhas de sacos de arroz havia um espaço e depois de apanhar ou

para não ser pega, corria para lá.

Diziam:

— Essa menina é custosa!

E meu pai falava:

— Tem espírito de contradição! Falo para fazer assim e faz tudo ao contrário!

Mesmo criança e não entendendo nada, nunca aceitei o abandono de animais ou pessoas...Será que eu era uma contradição mesmo? Brincava no chiqueiro, imitava peões, até fizeram uma enxadinha pra eu capinar moitinhas. Usava botinhas ou

chinelos. Nunca gostei dos pés no chão ou na terra. Sensação estranha, incômodo, algo me atrapalhando, sei lá. Não gosto até hoje de ficar descalça.

Gostava de carregar os filhotes das cachorras e dos porcos pra casa. E não dava muito certo.

Minha mãe não gostava.

Adorava quando as gatas pariam. Sempre gostei do cheirinho do leite da boca dos filhotes caninos e felinos. Tem um cheirinho agradável. Eles comiam e bebiam leite, lambendo no chão, eu achava ótimo e queria fazer o mesmo, com um prato e leite. Mas, esses animais, quando ficam

adultos, tem um bafo horrível,
mesmo bebendo leite. Eca!

2.

A SEGUNDA INFÂNCIA E PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Aos nove anos de idade,
vim para a cidade que moro até
hoje.

Que horrível!

Aqui era bem pouco
movimentado. Fomos morar em
uma casa em que meu pai
também montou um comércio.

Tinha telefone na minha
casa e as ruas eram de terra.
Quando eu brincava, sempre
me machucava, já nem tinha as

unhas dos pés. Não enxergava direito, era míope.

Arranjei alguns coleguinhas e as minhas primas me chamavam de roceira.

Naquela época, continuei os estudos em uma escola chamada Grupo América. Levava minha chupeta escondida na pasta e quando a professora não estava olhando, eu a chupava. Não queria ficar naquela sala de aula, mas pelo menos era bem silenciosa.

Na hora do recreio eu não comia e me sentia sem lugar. Para ir ao banheiro era pior,

porque tinha a tal “mulher do algodão”. Isso era um pavor.

Eu ainda tinha nove anos quando minha avó paterna faleceu. Fiquei estranha, mas segui a vida, brincando na rua sem asfalto e na enxurrada.

Um dia, na porta da escola, um menino veio do nada e me deu um beijo no rosto. Levou um soco. Eu não gostava e não gosto que faça isso sem minha permissão. Ele me xingou de quatro olhos, porque eu usava óculos. Era magérrima, alta, mas ele levou um soco. Abusado!

O tempo passou...

Meu pai bebia bebida alcoólica e jogava baralhos. Detesto as duas coisas!

Tive traumas com as bebedeiras do meu pai. Ele foi um bom pai, porém tinha esses defeitos.

Minha mãe, omissa e calada, aceitava tudo e eu com a resposta pronta e certa, às vezes, agressiva verbalmente.

Mudávamos de casas e eu tinha minhas colegas, mas se estivéssemos em uma árvore e alguma delas me enfezasse, despencava lá de cima. Uma que empurrei, quebrou o braço.

Havia uma goiabeira no quintal de casa, eu subia nela e ficava igual a um morcego no galho. Ficava daquele jeito por um bom tempo.

Não falava muito, sempre com meus vidros que agora eram de esmaltes com cores iguais, modelos de vidros iguais. E assim ia...

Como eu era ruim para comer, adoecia facilmente.

Minha mãe tinha a mania terrível de jogar um legume ou uma carne no meu prato, eu largava tudo e não comia mais.

Dividir sorvetes e picolés com alguns colegas era um

favor. Ou comia o que queria ou não comia.

Um dia tive uma crise horrorosa. Enfezei com a imagem da TV que estava com sombra, algo que não admitia e quebrei os vidros das janelas e rasguei o sofá. Creio que não foi só por isso. O comportamento do meu pai, não me agradava, e eu o enfrentava. Tinha uns 14 anos. O respeitava muito, porém certas atitudes eu não aceitava.

Então, orientaram minha mãe a me levar a um centro espírita. Eu era católica de cantar no coral, coroava a santa e gostava de me vestir de

anjo. Lembro que uma vez quando estava voltando da missa a pé, fui atropelada por um ciclista bêbado. Mas, como sempre correndo a frente dos meus pais e pulando no passeio.

Fui levada ao Centro Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e também passei a tomar um remédio que um médico me receitou. Não obtive melhoras.

Via umas colegas de 14 anos de idade, de mãos dadas com meninos. No jogo de Bet — uma brincadeira com cabos de vassoura e uma bola pequena — na rua, um menino

me pediu para namorar. Achei interessante. Quando acabava o jogo, esses colegas saíam de mãos dadas. Então, eu pensei: Também sairei de mãos dadas do jogo. O colega disse para eu falar com meu pai. Óbvio, para que quando a gente terminasse o jogo, saíssemos também de mãos dadas, assim, como os outros. Grande imitação.

Meu pai era campeão de festa de carnaval, namorador, segundo minha mãe, ótimo dançarino nos bailes da roça e da cidade. Ficou noivo da minha mãe por onze anos. Mas, quando eu falei do menino para ele, me disse:

— Vá namorar seus livros, eles te darão futuro e se eu te pegar com um moleque, apanha de correia você e ele.

Eu disse ao menino:

— Meu pai mandou eu namorar livros. — Então, esqueci daquilo e fui estudar e treinar para jogos no colégio.

Eu tinha poucas amizades, mas o jogo me ajudava muito a ficar mais atenta e tranquila. Ganhei algumas medalhas no basquete, até fazia cesta de 3 pontos. Treinava muito, era alta e atlética.

Pré-adolescência, sem maquiagem, me considerava

feia e andava mal arrumada —
minha mãe não tinha um
entendimento sobre isso, era
mulher da roça e simples.

Na hora do jogo de
handebol na escola, eu fazia
questão de marcar as “meninas
das frescuras” que faziam a
barreira e mandar uma bola
com a mão esquerda em
rodopios em cima delas. Uma
delas teve o dedo quebrado.

Foram vários
acontecimentos em torno de
minha pré-adolescência.

Tinha meus cães e meus
gatos. Adorava animais, até
hoje tenho, todos adotados.

Inclusive acabo de adotar a Jurema, uma cadelinha com deficiência e Jorginho, que foi jogado por um bicho humano para fora da janela do carro. Ficou com sequelas, uma estereotipia canina. Muito lindo, está na foto da última capa do livro. O apelido dele é TIC TOC. Ele ficou com um movimento repetitivo do pescoço, para frente e para trás.

Na verdade, não compro animais, respeito quem compra e quer um animal de raça. Eu, não. Eu quero aquele que foi abandonado e não tem um lar ou que ficou jogado na rua.

Tenho isso na minha mente. Rejeição e abandono é horrível! Seja com animais, crianças ou idosos! Aliás, com qualquer ser.

3.

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Mudamos novamente de casa, meu pai estava em situação financeira precária e ficamos de favor na casa de um irmão dele, na cidade.

Morávamos perto dos parentes do meu pai. Eu não entendia nada, pois minha mãe veio de uma família tradicional de fazendeiros ricos e nós vivendo aquela situação. Ela submetia-se a tudo, calada.

Nunca entendi realmente o tal “amor”. Caso seja esse que

faz sofrer e chega a ser
torturante, realmente não sei o
que é amar. Quanto mais o tal:
Até que a morte nos separe.

Eu, já aos quinze anos de
idade, convivendo com as
minhas primas, passei a
frequentar com a mãe delas, as
casas espíritas kardecistas,
onde tinha tarefas assistenciais
e falava coisas boas. Íamos às
várias instituições, para ajudar
como podíamos. Passei a ser
espírita e ainda com as
respostas nas horas certas.
Assim, sempre me achavam
sem educação.

Meu pai, mesmo jogando
as canastras dele, trabalhava

duro no corte de cana. Tornou-se encarregado em uma firma onde se aposentou.

Ele era o meu suporte. Confiava muito nele. Meu pai escolhia as roupas que eu iria vestir para passear quando eu me esforçava para ser como os outros.

Eu era jovem, cursava o magistério, mas nunca esperei marido nenhum. Diziam que o curso se chamava “espera marido”. Eu hein!

Não tinha roupas para sair. Às vezes, meu pai me dava dinheiro para comprar tecido e minha prima fazia — era

costureira. Mas na maioria das vezes, uma colega me emprestava roupas.

Sobre sair, eu não queria namorar ninguém, “paquerar” nem daria certo comigo, além de ser míope, não fixava o olhar e não tinha um maior entendimento sobre flertar.

Minhas primas, sim, tinham essa ideia fixa na cabeça sobre casar e eu nem pensava nessas coisas. Cuidar de tudo, dormir com uma pessoa no mesmo quarto e conviver sempre, aceitar tudo. Não, não nasci para isso.

Como tenho aversão ao toque de alguns, um dos moços que tiveram interesse em mim, levou um tapa por ter me beijado à força. O outro, um empurrão porque veio me abraçar sem eu permitir. Várias vezes saía do local sozinha e ia embora por causa de ocasiões como essas. Diziam que eu era doida.

Minhas primas recomendavam a mim em determinados locais que estávamos, que eu fizesse tal coisa e eu fazia o que era certo, o óbvio — fingir era demais em certas situações.

O tempo passou, me empreguei em alguns lugares e a partir de 1991 tive o meu primeiro emprego público, como professora.

Inventei de experimentar bebida alcoólica. Credo! Quase morri e disse a mim mesma que eu não suportava o cheiro de álcool, o sabor amargo e algo que queima por dentro. Cigarro, nem pensar! Um nojo ficar chupando papel e jogando fumaça pelo nariz. Achava isso patético e ridículo! Me perdoem, ainda vejo essa atitude esquisita e pra piorar péssima pra saúde.

Muitas pessoas pensavam que eu sempre estava dentro dos “rolos” das minhas colegas. Não estava. Muitas delas passaram por cada situação...

Eu, com meu jeito estúpido de ser, compreendia. Preferia estar segura, sempre morando com meus pais. Deus me livre ficar dormindo fora. E contando que quando eu me envolvia nuns namoricos, tinha crise de riso. Santa, só no céu e no altar, as imagens. Um dia me chamaram de frustrada, creio que mais frustrado ficava quem se envolvia comigo. Não tinha sonhos de príncipe encantado. E o que minhas

colegas faziam eu queria repetir pra ser igualzinha. E ainda pensavam que eu era uma pessoa “perigosa”. Nem andava armada. Não bebia, drogava, fumava. Nada disso. Fui uma otária isso sim, ao seguir ideias de colegas. Mas, gostava de dançar. Um jeito maluco, fora do ritmo, dos passinhos. Nunca tive uma colega normal, ou “santa”. Porém, divertidas às vezes e maluquetes. Para mim, todas imaturas. Hoje tenho essa convicção. Meus colegas também. São legais. Hoje são casados, filhos formados e vida familiar. Nenhum com TEA. Só eu.

4.

EU E O TRABALHO COMO PROFESSORA

Iniciei trabalhando como professora na APAE, com crianças com deficiências moderadas a severas. Algumas tinham comorbidades associadas e lá tive meu primeiro trabalho com um menino AUTISTA (1991 a 1995).

Todos ficavam em uma sala de estimulação. Trabalhei com estimulação precoce com bebês, até a alfabetização das crianças.

Depois fui para a Rede Municipal de Ensino, trabalhando com alfabetização de adultos, sala com respeitosos senhores e senhoras.

Sou muito agradecida aos trabalhos nesses dois lugares.

Prestei um concurso estadual, passei, porém, disseram que não tinha vaga em minha cidade. Claro que tinha! Éramos contratados!

Trabalhei no CEOPEE — Centro de Educação e Pesquisa em Educação Especial, fiz vários cursos e

sempre atuei na sala da Educação Especial.

Já era uma jovem adulta.

Comecei a ficar mais restrita, mais fechada para o mundo. Tinha minhas colegas e passeávamos muito, mas havia algo errado comigo e o meu nome era: Adriana doida.

Eu não entendo, se você diz o que pensa, você é doida!

Eu ainda enfileirava vidros e comecei a contar nos dedos cada palavra ouvida, e pior, do final para o início, cada dedo era uma letra. E realmente os movimentos que eu tinha

quando criança continuavam se repetindo.

Eu balançava, repetia as palavras, ria sozinha do nada, conversava sozinha.

Um tempo depois, comecei a me distanciar mais das pessoas, colegas, parentes e me isolava.

Na universidade me chamavam de doida e por causa das minhas orelhas

abanadas me apelidavam de Topo Gigio⁴ e Dumbo⁵.

Eu sentava bem na frente, olhando para o quadro e meu grupo de trabalho era de pessoas inteligentes, porém, cada um tinha uma história. Tinha festas, mas nunca fui em nenhuma delas.

Na época, fiz a grande besteira de me relacionar com um rapaz. Tempo perdido. Eu e ele éramos o oposto um do outro. Ainda bem que ele me

⁴ Topo Gigio foi um ratinho orelhudo, personagem de programa infantil.

⁵ Dumbo é um bebê elefante de um circo que nasceu com orelhas enormes. Personagem de filme homônimo.

traíu, sou grata à moça até hoje.

O tempo passou, eu e meus pais já estávamos mais estabilizados financeiramente e eu continuava no “meu mundo” e nos meus compromissos divinos.

Meu pai parou de beber, mas não de fumar. Minha mãe ficou muito doente, mas sobreviveu. Eu passei a dar aulas particulares nos momentos de folga e nas escolas Estaduais, lecionava Química, que é minha formação universitária.

Eu andava o tempo todo nos cursos que fazia. Ia ao banheiro, tomar água, levantava de novo.

Algumas pessoas perceberam que eu tinha um “problema”. Mas os cursos eram tão repetitivos! Eu sempre buscava estudar sozinha, então, o que tinha lá já não me interessava.

Fui me sobrecarregando de trabalho, sem passear — ainda bem, porque estava focada no que fazia.

Aula para cursinhos preparatórios.

Aula para vestibulares.

Aulas para concursos.

Aulas de reforço.

Monografias e TCC que fazia para as pessoas, sem contar no tal portfólio. Ganhava bem e aprendia bem também.

Deu certo namorar livros, meu pai era sábio.

5.

UMA FASE JOVEM-ADULTA

O tempo passou, fui adquirindo a maioridade e tornando-me mais retraída. Tinha também um bom estímulo de alguns colegas (ironia):

— Você usa umas roupas bregas...

Isso me entristecia e eu me mantinha mais afastada. Passei também a não querer ficar perto das pessoas. Elas eram sem assunto e não tínhamos nada em comum.

Mantinha-me dedicada à minha religião, às tarefas, ao meu trabalho para o sustento do lar.

Casamento???

Nem pensar! Nunca fiz um enxoval, nem sei como se faz.

Tive alguns envolvimento rápidos, mas devido ao meu comportamento de não retribuir como era necessário, me afastava e vida que segue.

Em 2005, um ano antes da morte do meu pai, eu estava estudando para fazer um mestrado e na hora da prova eu tive a maior dor na cabeça que se pôde imaginar. Eu não

me concentrei em nada. Tinha feito tudo que precisava para o mestrado na Universidade Federal. Tinha minha “linha” de projetos, li bastante e no final, não tive êxito com a prova.

Infelizmente a dor na cabeça persistia e não dava trégua.

Meu pai adoeceu e ficou na cama sofrendo. Eu trabalhava o dia todo e éramos só eu e minha mãe para cuidar de tudo. Em 2006, em maio, no dia 8, meu pai partiu para outra vida.

Quero ressaltar que minha obra não é para converter a ninguém, porém é a minha vida

e a minha crença que exponho aqui, respeitando às dos outros, evidentemente.

Agi de maneira racional. Considerei ser melhor para ele partir, no lugar de gritar dia e noite de dor. No velório e no enterro permaneci normal. Algumas pessoas acharam que eu não estava bem, creio que queriam que eu pulasse, berrasse ou desmaiasse, algo assim. Permaneci firme para manter minha mãe segura.

A figura e a fisionomia do meu pai apagaram-se da minha mente por três anos. Não me lembrava de como ele era fisicamente, travou algo no meu

cérebro. Tenho dificuldade em lembrar da risada dele e da fisionomia ainda. Tenho uma foto dele comigo dançando no único baile de formatura que participei. Felizmente, não fui em nada da minha formatura acadêmica. Só coleí o grau. (frase esquisita). Ele foi à minha formatura. Dois meses após a morte dele, organizei as suas roupas e doamos.

Passei a dormir no quarto que era dos meus pais, minha mãe não conseguia mais dormir lá.

Tive que trabalhar à noite, fora da cidade. Desgastante e perigoso. A minha mãe tinha

que ficar com uma acompanhante até eu chegar. Trabalhava dia e noite. Os cachorros e os gatos eram nossas companhias.

Conheci um rapaz, fomos amigos por um bom tempo, depois namoramos por um bom tempo, mas não deu certo. Sentimentos opostos, opiniões opostas e eu com meus problemas agravando. A única situação recíproca era sermos antissociais.

Procurei um neurologista por causa das dores insuportáveis na cabeça. Ele receitou ansiolíticos e

antidepressivos. Eu estava exausta com tudo.

Ficava “noturna”, não dormia direito e toda vida gostei do meu barulho e não o do outro. Por isso, os meus relacionamentos não davam certo. Dividir espaços, ocupar a mesma cama, mexer nas minhas coisas, conversas desnecessárias, falta de liberdade comigo mesma (ficar só) e rejeição ao toque, na maioria das vezes.

Eu não gosto do meu suor, ainda mais do outro, menstruação para mim era um horror, sangue para sair de mim, só se fosse por um

ferimento. Tive endometriose e fiz cirurgia por causa de um cisto enorme. Ainda bem que tomava medicamentos para não menstruar, era mais confortável.

Odiava a tal etiqueta nas roupas, apertos, abraços apertados, não dava pra mim, mas tinha que usar de estratégia, se outros faziam, eu, para copiar, fazia o mesmo, mas minha mente; queria estar em outro planeta.

Nem pensava conceber um filho, primeiro por causa de me vincular a alguém, no caso, o pai, para toda vida, e outra, eu não me via com uma barriga

enorme, com aquele peso e vomitando sem parar. Via isso nas mulheres, mas quando os bebês nasciam, eu sempre gostava. Já liberei algumas colegas de abortos. Sempre fui contra o aborto. Se não quer filhos, não faça sexo. Simples.

O meu maior problema ou minha virtude, sei lá, é dizer o que penso e o óbvio. Para muitos é melhor viverem iludidos e eu, desde criança, nunca aceitei brincadeiras nas palavras porque não as entendia, assim como piadas e chacotas das quais muitos riam não sei do quê. Quando lembro de algo na minha mente, rio

sozinha e muito, até na rua,
mas nem eu mesma sei
exatamente do que estou rindo.

Um ex-namorado cismou
que eu estava olhando
fixamente para um rapaz em
uma lanchonete, até hoje eu
não sei quem era o rapaz, nem
o vi. Simplesmente me disperso
e “fujo do mundo” e muitos
pensam que estou olhando
para eles. Posso até estar
olhando, mas não os
enxergando. Isso era motivo
para brigas e chateação
durante os namoros, sem dizer
que sempre eu não falava
coisa com coisa, que era
desequilibrada, estranha e

esquisita. O fato é que eu simplesmente não queria conversar e nem estar com ninguém em certos momentos.

Para mim, relacionamento é algo muito complexo, obrigatório e exigente.

Não daria certo com ninguém mesmo. Eu gosto de estar comigo, dormir cedo e acordar cedo.

Voltando às questões médicas, procurei outro neurologista e este modificou os medicamentos. Entretanto, a dor ainda era intensa, quanto mais eu ficava nervosa ou deprimida, ela acentuava.

Adorava meu trabalho, mas não estava bem, cada vez mais retraída e sem vontade de ocupar o planeta Terra. Minha crença e as tarefas no bem, me ajudavam.

6.

ME SUPORTANTO, SURTANDO E ME SUPERANDO EM BUSCA DE UMA ADOÇÃO

Em 2006, meu pai partiu dessa Terra e ficamos eu e minha mãe.

Eu trabalhava, fazia especializações e sempre buscava em Deus o consolo. Afinal, eu tomava conta de tudo: Compras, despesas da casa e os nossos cuidados. A dor na cabeça aumentava e as trocas de medicamentos eram frequentes.

No ano de 2008, tive a primeira crise de desmaiar, perder os sentidos, sentir as mãos repuxando e a boca tremendo. Por Deus, eu estava em um lugar onde me levaram ao hospital. Eu já havia desmaiado antes, dentro de um ônibus, as pessoas que estavam lá me ajudaram, mas essa nova crise foi ruim e os médicos disseram que tive uma forte crise de ansiedade. Fiz tomografia e ressonância que só constataram várias calcificações no cérebro. Descartaram a possibilidade de eu ser epilética. Para o neuro radiologista, esses focos

poderiam estar desencadeando as convulsões.

Continuei indo aos médicos. Para piorar a situação ainda mais, recebi a seguinte notícia do reumatologista:

— Você está com artrose, fibromialgia e hérnia na coluna.

Minhas dores de cabeça se tornaram: Cefaleia crônica migrânea refratária⁶.

Porém, em meio a tantas coisas associadas, resolvi me inscrever na Vara da Infância e

⁶ Considera-se migranosa a cefaleia que não saos tratamentos preventivos e de crise.

Juventude para adotar uma menina.

No caso, solteiros poderiam adotar e o meu perfil era esse. Não queria optar por raça, cor e tal. Queria apenas adotar uma menina.

Descobri que na adoção somos escolhidos e não escolhemos. Fui convidada pela Assistente Social a conhecer uma criança. De momento, não quis, saber o gênero da criança. Depois fiquei indagando, era um menino, mas... lá fui eu e conheci um bebê de 1 ano e 2 meses, que se chama Gabriel Augusto.

Gabriel é preto, tem deficiência nas pernas, paralisia cerebral, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Lá na Instituição, fiquei com o Gabriel no colo e ele com os pezinhos para dentro, parecia um sapinho para dormir. Logo, a Assistente Social me convidou para irmos embora. Eu disse a ela:

— Gabriel está para adoção?

E ela:

— Sim. Mas já findamos a lista e a última foi você. Será difícil uma adoção para ele.

Eu a olhei e disse:

— Pode providenciar o curso de adoção, os papéis e o estágio de convivência. Serei a mãe do Gabriel. Só colocarei o nome de Augusto Neves.

— Ah! Mas já tem Augusto no nome. — Ela disse. Ao que eu respondi:

— Oh! Então só o Neves.

Passei a ir à Instituição para o estágio. Demorou um tempinho, 1 mês e 15 dias — logo, estava eu em sala de aula e me chamaram para buscar o meu Gabriel.

Fiquei tão agitada! Avisei à diretora que ia tirar licença à maternidade, que eu já estava indo buscar Gabriel. Fui e deu tudo certo. Gabriel saiu só com uma roupinha no corpo e com as orientações médicas para acompanhamento. Ele recebia atendimento na APAE e chegou para nós com catapora.

Fizeram um chá de fraldas para o Gabriel, ele ganhou tantos presentes que valeu para um ano só de fraldas.

A minha licença à maternidade foi de acompanhamentos médicos. O retirei da APAE, ele recebeu atendimentos em outros locais.

Gabriel não falava, nem andava. Estimulamos muito a fala dele através do CEMEI, onde ele estudou e de pessoas amigas.

Aos 4 anos de idade, Gabriel se submeteu a uma cirurgia nos dois pés. Sofreu com dores, se arrastava pela casa com o gesso.

Eu dizia:

— Você está sofrendo agora, mas você vai andar e Jesus vai te curar.

Antes Gabriel tinha feridas pelo corpo, tudo emocional, pois quando teve um lar, elas

desapareceram. Exatamente como a médica tinha dito:

— Um lar e o amor irão mandar embora essas feridas.

Hoje, a pele dele é limpinha.

A cirurgia fez o que podia e a fisioterapia ajudou Gabriel a andar.

Ele era acompanhado por neurologista infantil.

Aos 4 anos, Gabriel, do nada, começou a falar. Andou sozinho aos 5 anos, porém até hoje desequilibra e precisa de ajuda. Ele é muito inteligente. Fala até demais e tudo na

norma culta da Língua Portuguesa. Não fala gírias. Nem eu. Procuro conversar com as concordâncias verbais e nominais. E por não dominar bem a língua portuguesa, tenho meus erros. Enfim, isso me incomoda. Fico procurando a pronúncia certa. Deve ser o TOC (transtorno obsessivo compulsivo).

Eu não me abati com minhas dores. Comecei a fazer “bloqueios” na cabeça para amenizá-las. Agulhadas e agulhadas na cabeça.

Fiz cirurgia nos olhos para corrigir a miopia. Eu havia tirado carteira de motorista e ao

renová-la, soube que estava quase cega, sem perceber isso. Foi o médico do DETRAN quem disse para eu fazer a cirurgia urgentemente. Foi um sucesso.

Eu carregava o Gabriel em um carrinho de bebê pelas ruas, mas com o carro que comprei com esforço, passei a levá-lo aos lugares de carro.

Após outras consultas do Gabriel e ele se tornando um pré-adolescente, estudando com professora de apoio também, desencadeou a epilepsia. Depois de um tempo, o neurologista também fechou o diagnóstico de autismo.

O cognitivo do Gabriel, apesar da lesão no cérebro, está preservado. Ele desenha muito bem e só de ouvir algumas notas, toca a música no teclado e em uma viola e uma flauta de brinquedo. Meu filho inventa coisas e fala sozinho. Fala com a escova de dentes, com a torneira e assim vai... é um adolescente humilde, simples, educado e amoroso. É adorado nas escolas. Tem meu tipo sanguíneo, A+ e é o meu “chocolate”.

As crises de epilepsia vêm e agora ele já sabe quando irá acontecer. Diz:

— Estou com cismo. (Não sei o que é).

Ele tem imunidade baixa e adora ficar com um *tablet*, que eu tenho que retirar às vezes.

Lê, apresenta dificuldades na matemática, mas tudo que lê, relata e suas atividades são orais ou gravadas. A mão direita do Gabriel era fechada, hoje está aberta, mas tem pouca força e destreza nela.

Quando tem crise na escola, eu o busco e espero que se estabilize para retornar aos estudos.

Gabriel já me viu com crises fortes. Ele é um suporte

para acalmar a minha mãe, é carismático e inteligente. Supera-se e prova que pode, e muito! Não se importa com a diferença que tem. Ele é uma bênção em minha vida e sei que terá um belo futuro artístico. Sempre o estímulo a desenhar, a fazer as máscaras para apresentar fantoches às crianças. Meu filho é ótimo em desenhos, até me pintou e fez um quadro. Ele é super criativo e curioso. Também entende as coisas literalmente. Somos dois TEA em casa. Conversamos no momento das refeições. Temos HIPERFOCOS diferentes. Ele toca um teclado, eu canto...

Eu, caso pudesse, queria ser médica, neurocirurgiã, mas me contentei em fazer neuro pedagogia e ter especialização em Dificuldades de Aprendizagem.

Por isso, digo que Deus nos escolhe para adotar e fico imensamente grata por Gabriel fazer parte de minha vida. Ele dá respostas óbvias, fica melhor pra eu entender também. O sincericídio (verdade relativa, falamos sem pensar) em casa é fluente.

7.

AS CRISES, OS COMPORTAMENTOS, DEPRESSÃO E ANSIEDADE E NO TRABALHO: O ASSÉDIO MORAL

Passaram-se os anos e eu não havia desistido de adotar uma menina.

Entrei novamente na fila de adoção. Agora, uma menina entre 6 a 10 anos, para brincar com o Gabriel. E Deus iria amparar se fosse para o nosso bem.

Eu continuava com os medicamentos e a partir de

2011, fiquei com o meu atual neurologista. Tentei psicólogos, mas nenhum deu certo comigo ou eu não dava certo com eles.

Prefiro coisas objetivas, então preferi um psiquiatra já que estava depressiva, ansiosa, inquieta, sem sono, cérebro acelerado e ainda tendo a tal crise “convulsiva”. Ansiedade pura.

Fazia o que podia para o meu trabalho, sempre gostei de criar e valorizava o que criava, mas percebi que para os gestores e outros colegas, não era nada assim. Pode ser porque eu sempre falei o que penso, “não filtro” e as

bajulações, para mim, são fora da realidade. Desde criança, nunca gostei de elogios, acho isso falso, sendo que depois, numa outra situação, lhe prejudicam. Meu pai dizia que eu só acreditava no que eu via.

De fato, falar para mim, não resolve as coisas, de certo, sou parente de Tomé, discípulo de Cristo.

Com o tempo, eu também rejeitava o contato físico com meu pai. Ele era muito respeitador. Dava um beijo em minha testa e dizia que eu era uma princesa.

Eu hein! Jamais gostei de contos de fadas, nem da Cinderela. Ainda mais das princesas utópicas. Sempre tive uma enorme aversão por falsidade e pessoas mentirosas. Estranho isso... parece que tenho uma antena no cérebro para detectar essas situações.

Aprendi a ler traços de expressões faciais e alterações comportamentais. Gosto de estudar comportamentos, ler, assistir séries que envolvam mistérios e exijam algum raciocínio. Não gosto de ficção científica, gosto do real, como

documentários ou filmes baseados em fatos.

Eu vivia ansiosa no meu trabalho e para completar, em uma escola existem as tais “panelas” que dentro delas só tem alimentos ruins. Sempre com falsidades e o que eu fazia nunca estava bom.

Alguns, que por ocuparem certos cargos, se acham no direito de menosprezarem os outros e abusar de sua autoridade.

Pois é, mas o poder é efêmero, graças a Deus.

Em 2014, desisti de dar aulas de Química. Os gastos

com o combustível estava a mais do que os ganhos permitiam.

Eu continuava tomando os meus remédios, dormindo cedo para acordar bem e trabalhar até o período da noite, dando aulas.

Certo dia, aconteceu uma situação que para mim considero normal, mas para um(a) gestor(a) de escola que gritava com funcionários, era um terror. E ela tinha que preservar o seu “nome”.

Dando uma aula planejada, expliquei sobre balanceamento de Equação Química para

turma por 5 vezes. Alguns alunos aprendiam porque queriam mesmo, outros iam à escola para desfilar e outros começavam a aula após o intervalo. Como sempre, nessa geração o direito é do aluno que não quer saber de nada, o professor é o impostor. Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, nunca foi um livro que me ajudou. Oprimidos estávamos nós, os professores. Sem poder dizer nada e passar o aluno de ano sem saber nada também.

Um dos alunos me disse:

— Professora, dá pra senhora ir mais devagar?

O aluno conversava o tempo todo e eu respondi, simplesmente:

— Dá pro teu cérebro ser mais rápido, por favor?

Fui chamada à direção e com aquela história medíocre de que eu estava errada, que não estava bem, pediram para eu tirar uma licença.

Assim fiz. Fui ao médico e lhe disse:

— Por um bom tempo, não quero ver gente, escola, alunos, pessoas e mentirosos traiçoeiros. Quero uma licença prolongada.

Adoeci, de fato, tive crises e me afastei das duas escolas.

Na Educação é assim:
Morrer de trabalhar, não pode adoecer e cuidado com alguns pais de alunos, para esses, professores não servem para nada! Perguntem aos professores se estou mentindo.

Só que muitos professores, temem os gestores e os que estão nos cargos comissionados como chefes. Chefes ou carrascos?

Meu relacionamento afetivo, como sempre, conturbado e cansativo...

Também não culpo a
pessoa. Que dizia:

— Você é desequilibrada,
não sabe o que fala e inventa.

Foi uma dica jamais
esquecida:

— Você é desleixada!

Na atualidade isso é
reverso. Dediquei mais à minha
vestimenta e fui me envolvendo
pela vaidade natural.

Nossa! Retiro disso tudo
uma boa experiência: Em ser
quem sou agora, graças aos
bons professores na vida que
tive. Mas também ouviram o

que não queriam ouvir. E a vida continua...

Eu precisava de ajuda psicológica, mas psicólogo mesmo, nunca! Já saí de várias cadeiras. Acabávamos trocando de lugar, eu era a psicóloga. Se eu quisesse mentir, omitir, seria muito fácil. Eles ganhariam meu dinheiro e eu encenaria. Só que meu dinheiro vale muito!

Comecei a ver vídeos de autoajuda e a fazer meditação, faço até hoje. Respeito a profissão de psicólogo, só que meu neurologista e meu psiquiatra cumprem este papel

em minha vida. São práticos, objetivos e óbvios.

Entrei em depressão, sentia uma tristeza e uma vontade de não morar na Terra, um lugar barulhento, cheio de gente falsa e que me achavam doida. Nem perceberam minha criatividade, meu potencial, apenas uma senhora pedagoga, que é minha inspiração na Educação. Ela é muito óbvia, inteligente e tem boa memória. Já trocamos muitas ideias.

Eu não entendia. Se eu fazia um ótimo trabalho, porque me tiravam nota na avaliação de desempenho?

Uma gestora chegou a dizer que eu era boa professora, mas faltava muito. Não faltava, tirava licença, pois já estava no extremo.

Os alunos gostavam de mim, eu os ensinava com vontade e dizia para eles serem bons leitores, para escrevem bem. Gostava de ajudar na matemática. Eu também era profissional de apoio de um aluno dislexo e outro com atraso de aprendizagem no quinto ano. Aprenderam muitas coisas, pois eu fazia as intervenções (flexibilizações) com eles e acabaram alfabetizados. No ano seguinte

que estaria com eles, tive uma crise forte e o médico me afastou.

O médico dizia:

— Sua dor não cede. Tem que aposentar de pelo menos um cargo. Já tentamos todos os medicamentos. Suas dores no corpo estão aumentando e você não colabora descansando o cérebro.

Alguém já viu o cérebro descansar? Eu nunca vi.

Procurava exercer o melhor de mim e lá vinham os “impostores” de carreira, iam na gestão escolar e simplesmente falavam coisas horrorosas do

meu trabalho, não davam valor. E aquilo me irritava cada vez mais. Eu emagrecia e já não tinha prazer em ensinar mais nada.

Graças a Deus, consegui me aposentar de um cargo e saí de uma escola que me fez tão mal, que evito passar na porta até hoje.

Os “puxadores de saco” saíam-se bem. Faltavam carregar os gestores no colo e esses últimos, espezinhar os outros. Doa a quem doer, é fato. Já vi colegas em desespero por causa de pessoas soberbas e

desqualificadas para certos cargos.

Durante o intervalo, nem na sala dos professores eu ia, preferia comer sozinha e perto de pombos, pois os outros nada tinham que me acrescentasse. Não estou generalizando, mas se eu era doida, os doidos dizem a verdade.

É difícil encontrar alguém que entenda ou compreenda.

Vida seguindo.

Até hoje, tenho as cartinhas de estímulo das alunas da sala onde trabalhava, crianças são sinceras. As guardo com

carinho e as releio para não desmotivar.

8.

COM OS TRANSTORNOS,
PORÉM EM BUSCA DA
SEGUNDA ADOÇÃO E UMA
“BOMBÁSTICA”
REVELAÇÃO

Na fila da adoção e outro desafio, como sempre.

Anteriormente eu havia dito que persistiria na adoção de uma criança. Já tinha realizado o curso de ADOÇÃO e estava apta. Havia feito a inscrição e estava na fila de espera.

A nossa Vara da Infância é muito exigente e cautelosa. Isso é bom. Traz mais

segurança ao adotantes.
Conheci outras pessoas que também adotaram crianças e adolescentes.

O GRAAU⁷ oportuniza muito o conhecimento de outros pais, suas experiências e expectativas. Têm vários tipos de famílias que adotam e levam para o seu lar um ser que precisa do acolhimento. Casais homo afetivos, pessoas solteiras e assim vai. O principal é o adotado, pois não é dinheiro que prevalece para adotar e sim um lar que ajude o estado psicológico dessas crianças e projetem a elas uma

⁷ Grupo de apoio à adoção

nova vivência, dando oportunidade de terem uma nova família, já que na outra houveram situações traumáticas e também a questão dos familiares biológicos desses adotados viverem em vulnerabilidade social ou por terem avós com idade muito avançada, sem condições de criar, educar e manter.

Na verdade, cada um tem sua história de vida, os porquês de serem retirados do convívio familiar biológico e irem para uma instituição.

Adoção é algo sério.
Lidamos com pessoas, com

situações, com um passado doloroso. Ainda que seja um bebê, este traz no inconsciente o que sentiu no ventre materno.

E falando sobre adoção, é uma prática que levo e considero muito séria, pois você vai retirar de um lugar uma pessoa e criar expectativas de um lado e do outro.

Tantas crianças foram devolvidas às instituições... Uma tristeza, outros traumas, mais uma rejeição. Deveria ter uma penalidade para tais situações, assim, nunca mais fariam isso. Criança não é um boneco, um objeto que você

não quer porque quebrou uma perna ou uma roda e o descarta. Isso é avassalador.

E outra situação: Nunca esconda do teu filho a origem dele. Caso seja bebê, converse com ele, mesmo que pense que ele não entenda você. Vá preparando-o para a verdade. Mentir e omitir nem sempre funciona, ainda que dê certo por um tempo, mais tarde a verdade aparecerá, então, surgirá um problema muito maior, principalmente a revelação vinda de terceiros.

A criança precisa saber, quanto mais cedo, melhor. O adolescente já sabe de onde

veio, é uma situação que ele opta em ser adotado, porém é um desafio enorme, ele já teve uma outra convivência.

Tudo isso que narrei sobre adoção é um fato em minha vida. Sim, uma história cheia de fatos.

Em um dia comum, uma sexta-feira, no ano de 2017, mais precisamente no dia 6 de janeiro, estávamos eu, minha mãe e uma moça, conhecida nossa, que estava fazendo a limpeza em casa. Eu não podia carregar peso, nem fazer movimentos bruscos devido à artrose e à hérnia na coluna lombar. Sentia dores constantes e a fibromialgia estava atacada.

Enquanto tomávamos o café da tarde, começamos a falar sobre adoção, pois o filho dela iria adotar um juvenzinho (pré-adolescente). Eu fiquei animada e comecei a falar

sobre a importância e o dever,
que na minha crença nada é
por acaso, que temos nossos
débitos e que se fosse o
correto, tudo iria dar certo. Ah!
E que nunca poderia omitir
nada, que isso é horrível...

Após o término do serviço e
do café, nossa conhecida
despediu-se e foi embora.

Quando olho para minha
mãe, que já estava com mais
de 80 anos, ela estava triste e
chorando:

— Eu preciso te contar uma
coisa — Ela disse.

— Pode falar. — Respondi
e pensei que talvez ela

estivesse com câncer e eu não soubesse. Caso fosse, daria ânimo a ela.

— Você, Adriana, não é nossa filha. Foi adotada por nós enquanto era ainda um bebezinho.

Eu a olhei, não tive nenhuma atitude de xingamento, susto ou desespero.

Disse:

— Mesmo? Eu já sabia.

— Sabia? Como? Quem contou? — Minha mãe quis saber.

— Ah! Deus! Ele me contou.

Eu estava sentada, levantei-me, fui direto para o telefone ligar para várias pessoas da família. Eu queria a verdade.

Aquilo jamais havia passado pela minha mente, sempre fui parecida demais com o meu pai. Que doideira era aquela?

Todos confirmaram é lógico. Só que, ficaram preocupados mais com quem contou, que era minha mãe do que comigo. De maneira alguma, isso ocorreu, em

preocupar se comigo. 50 anos de idade, a revelação para lá de tardia.

Liguei para a Vara da Infância. A psicóloga de lá me acalmou, orientou e algumas de lá falaram que foi a revelação mais tardia que tinham ouvido falar. Disseram até para eu escrever um livro...

Recebi visitas de alguns parentes de meu pai e de minha mãe. De certo estavam com medo de eu fazer alguma besteira com ela. E minha mãe no seu formal diálogo:

— Não contei antes porque seu pai nunca deixou. Ouvi

você dizendo aquelas coisas e resolvi contar. Foi um alívio. Tirei um peso da minha cabeça.

Fazia 10 anos que meu pai tinha morrido. Creio que era o medo da minha reação.

Para o desagrado de muitos, a frieza emocional atingiu ainda mais a minha vida.

Saía para trabalhar e não parava de pensar em minha origem:

— Com quem pareço? Sou filha de quem? Onde está minha mãe biológica? Qual

será o nome dela? E do meu pai?

Nenhuma resposta. Mas como tem aqueles que sabem tudo, disseram:

Você é:

— Filha de uma cigana.

— Filha de uma prostituta.

— Filha da filha da lavadeira.

— Filha de um parente.

— Filha da moça que era de Itumbiara e os pais a puseram na rua.

Se a cabeça de minha mãe aliviou, a minha perturbou-se mais.

Ficava em frente ao espelho, procurando com quem eu parecia. Como saber disso? Nem o nome da minha mãe biológica fizeram o favor de saber.

Disseram que o nome da minha mãe era Maria... Maria? Maria do quê? Nada concreto, uma mentira e invenção atrás da outra.

Eu comecei a fazer contas do ano que nasci, associar com Marias que deram à luz no

hospital em 1967, fui até lá e nenhum arquivo.

Mas eu saí do hospital com a roupa de lá...

No trabalho, tive uma forte dor de cabeça. O que estava melhorando em mim, piorou.

Resultado: Afastamento do trabalho.

Meu estado psicológico estava um “lixo” e o emocional, o iceberg do Titanic, eu perdia para mim mesma (metaforando). Comia pouco, apagava as coisas da mente, rasguei todos os meus retratos

de criança e com meu pai adotivo. O pior era que quem sabia mais sobre o fato, já havia partido. Dois que poderiam ajudar e vivos, deram um apagão na memória (sentido figurado). Só lembram o que querem, ou tinham um pacto com sei lá quem pra ficar escondendo situações.

Eu ia até o cemitério, já que diziam que a tal mãe estava morta. Quem sabe olhando no livro de óbitos e enterros acharia a pessoa no nome da cidade mencionada.

Que nada!

Andava pelas ruas onde minha genitora havia passado, segundo os relatos, mas não tinha nome certo. Como saber? Dei as características que me passaram. Cadê? Nenhuma batia.

Até conheci uma senhora que procurava a filha que ela deu. Arranjaram um jeito de nos encontrarmos. Nos vimos, mas a filha era 10 anos mais nova do que eu. Desejei que a senhora a encontrasse.

Eu, que defendo tanto o “contar para os filhos”, estava em uma tamanha mentira sobre minha vida.

Um médico que me atendeu durante a perícia, se comoveu com minha história e perguntou:

— Mas agora? Por que agora?

— É! Antes agora que nunca, não é mesmo? — Falei. Mas, sempre certa de que mentiras e omissões têm suas consequências.

Em casa eu seguia normalmente. Algumas vezes chorava de raiva, os movimentos repetitivos voltaram, a ansiedade aumentou e a depressão também. Meu neurologista

alertou que eu estava repetindo demais as palavras. Eu só vivia de estratégias mesmo e os outros é que deviam estar certos em não contar, pensando sei lá o quê.

Matei a todos na minha mente. Estavam mortos. E os mortos estavam revirando no túmulo por esta insensatez, pensando, de certo, que eu iria morrer criança.

Cada coisa!

Disseram ter medo do meu pai. Eu o respeitava, mas medo eu não tinha de ninguém. Não entendia o porquê de não deixarem uma “pista” de minha

origem. Situação mal esclarecida. Se fosse nos dias atuais, seria prisão na certa. Mas naquela época, davam os filhos sem pensar, uma cultura e tradição que expulsavam as filhas grávidas de casa.

Procurei, perguntei, fiz cálculos e nada.

Apenas me abati e achar minha origem virou um hiperfoco momentâneo.

As doses medicamentosas aumentaram, claro! 50 anos crendo que tinha família e de repente tudo desmorona. E desmoronaram-se muitos contatos que eu tinha. Não que

eles tenham culpa, de jeito algum, mas é por eu me senti fora do meio familiar. Senti revolta, raiva, desprezo e toda a descompensação emocional.

Deus, Jesus e a minha fé na doutrina que sigo, a espírita, me ajudaram. Vários conhecidos crentes também ajudaram. Para mim, todas as religiões são boas, falam de Deus. Passei a ler a bíblia e me aproximei mais de Deus e das tarefas. Só quem sente é que sabe. Não aceito ninguém dizer para mim aquelas coisas de sempre. Meus pais são e serão para mim as melhores pessoas da minha vida e os familiares

deles são boas pessoas.
Sempre me trataram bem. Se gostam, eu não sei, não me preocupo com isso. Eu me amando, basta.

Meus pais fizeram algo que eu mais admiro na vida: O ato de adotar. Então, para mim, eles são demais. Nunca os abandonei e nunca os abandonarei.

Sempre fui “sem filtro”, porém nunca dei trabalho aos meus pais como pessoa, estudante e filha. Sou respondona ao extremo com muitos, não consigo ficar calada, mas honro meus pais e meu pai confiava em mim.

Minha mãe sempre foi retraída e passiva, diferente de mim que sou explosiva, verdadeira e destemida.

Com o tempo, minha mente aceitou melhor, me posicionei (empatia) no lugar dos 4 pais que tive. Foi difícil, mas com estratégias, fui analisando que Deus permitiu o certo e o melhor para todos. Sou muito grata mesmo.

Está aí o motivo de eu querer tanto adotar filhos no lugar de tê-los biologicamente.

9.

A SEGUNDA ADOÇÃO RECUPERANDO DA REVELAÇÃO BOMBÁSTICA

Fui chamada a comparecer à Vara da Infância, pois apareceu uma menina que queria ser adotada. A menina tinha deficiência intelectual e estava abrigada em uma instituição.

Eu disse para comigo:

— Nossa! Demorou um pouco, mas a menina chegou e Gabriel terá uma irmã.

Bem, a menina não era uma menina e sim uma adolescente de 15 anos. Mais uma “peça do destino”?

Conheci Milena e partimos para o estágio de convivência. Deu certo. Mas depois, Milena disse que queria estar com os biológicos. Mudou de ideia e acabou sendo adotada por mim.

Desafios:

Adolescente, com traumas e lembranças. Não é fácil para

nenhum de nós, não é para o adotado, nem para o adotante.

A garota veio fazendo uso de vários medicamentos. Mudei-a de médico e aos poucos, foram retirados, ficando somente o que tomava para ansiedade devido aos traumas, abusos sofridos no passado e a retirada da família biológica que ela tanto ama.

Tive várias frustrações com o comportamento de Milena, mas eu tinha os meus e já tomava vários remédios. Milena apenas extravasava em choros constantes. O medo, a saudade, a raiva e tudo o que ela havia passado. Garota

meiga, amorosa, grudenta e de um sentimento puro. O que fosse dela, era do outro. Ia à escola, ainda que com déficit de atenção. Teve várias crises de ansiedade, eu a corrigia muito.

Não aceitava que me respondesse e a mãe era eu, não eles. E a minha mãe era a avó que exigia respeito.

Milena sentiu-se protegida em meu lar.

Eu ficava no meu quarto a maior parte do tempo. Orientava, conversava, mas tudo no meu tempo. Tinha meus afazeres e gostava de

ficar só. Tem muitas pessoas assim, só que não dizem para não se comprometerem.

Milena era meu apoio e começou a ter autonomia de ir e vir da escola, a reconhecer dinheiro e comprar o que precisava. Mas, como nada é como queremos...

Milena estudava em uma escola na qual, justamente, um primo biológico estava matriculado. Ele a viu e a reconheceu. Soube pela instituição que a vó biológica a visitava antes de ser adotada. Para completar descobriram que Milena era vizinha da prima biológica que residia, na rua

paralela à minha rua. Eu não sabia de nada, nem Milena. Como não existe acaso, logo inventaram uma maneira da vó aparecer e Milena vê-la. As pessoas julgam muito em deixarmos que reencontrem os biológicos, por ocasionar problemas, principalmente com o adotado. Porém, eu não tinha a escolha de não permitir que a avó a visse. Milena ficava triste, chorosa e acabou cortando os braços. Antes ela ter contato com a avó que morrer por isso. Aprendi que “ninguém é de ninguém”.

A avó visitava a neta, a neta ficava feliz. Acabei por

conhecer alguns parentes biológicos de Milena. Eles nunca me trataram mal e acreditavam em mim e na educação dada a ela.

Milena concluiu o Ensino Médio e já maior de idade, decidiu morar com a avó em uma cidadezinha perto.

Segurar? Como?

Milena tem autonomia, lê, escreve, faz compras. Deixei.

Ela se envolveu com más companhias, teve situações de violência sexual, vulnerabilidade, a internei, mas fugiu. Parou de tomar os medicamentos para ansiedade.

Fui à defensoria pública, me orientei com policiais que disseram:

— Ela tem 20 anos, viaja, tem autonomia. Como a senhora nos disse. A senhora está pior do que ela. Não podemos fazer nada.

Bem, a mim só restava orar, depois de quatro tentativas de fazê-la ficar comigo. Foi em vão.

Sou muito grata por tudo que Milena fez por mim e ainda fará. Quando eu tinha crises horríveis de convulsionar, ela chamava o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de

Urgência) e ia comigo para o hospital. Quando precisei fazer cirurgia no pé, por tê-lo quebrado saltando de um muro, e eu estava me sentindo um nada, Milena me ajudou. Em um dos dias que ela ficou em minha casa, conversamos e ela foi se banhar. Me atrevi a empurrar uma cadeira e sentar, a cadeira virou e o resultado foi que Milena teve que chamar o resgate e eu segui imobilizada para o hospital — Mão direita quebrada!

Pouco tempo depois, Milena decidiu ir até uma tia. Por lá, conheceu um rapaz que trabalhava em minha cidade

temporariamente, pois a empresa para a qual prestava serviço logo retornaria à cidade dele. Quando eu soube, Milena já estava no interior de São Paulo e me avisou que não voltaria mais para Uberaba.

Hoje ela está casada com um rapaz tranquilo e bacana. a Deus para que permaneça assim.

Vêm as fases ruins, mas as boas também chegam. Me despreocupeei um tanto. Tenho lembranças das nossas viagens em família para a praia, Goiás e outros passeios.

Agora ela é uma dona de casa.

Agradeço a Deus por ter sofrido incompreensões por deixar Milena estar com os seus biológicos, mas hoje sei que salvei uma vida através de Deus. Sem autoextermínio e mais coisas ruins. Milena tem seus conflitos. A esperança é que ela não destrua a própria vida. Não é por falta de apoio, orientação e esclarecimento. Aprendo sempre que cada ser tem suas escolhas. Como ela tem a autonomia para ir, vir, utilizar contas bancárias e outras demais habilidades, pra PM é um indivíduo comum.

“O conhecimento é bom,
mas a compreensão é melhor
ainda” Paulo de Tarso.

10.

UMA TERCEIRA
ADOÇÃO??? OUTRO
DESAFIO NA VIDA

Numa noite comum, eu tive um sonho, ou me despreendi e me vi conversando com um homem moreno, que me entregava um papel e dizia:

— Por favor, cuide de minha filha por mim.

— Eu? Eu não posso, tenho dois filhos, cachorros, despesas da casa e ainda estou com nove parafusos e uma placa em meu pé. Tenho

problema com isso, com aquilo... — respondia para ele.

O vi me entregando um envelope enquanto dizia:

— Vai dar certo! Deus lhe ajudará.

Acordei incomodada, pensando:

— Meu Deus! Não posso mais adotar ninguém. Mais essa... O que está havendo?

À época eu estava em recuperação pós-cirúrgica, tinha o pé inchado, andava com andador e bota ortopédica.

Que fase!

Caí umas três vezes no banheiro com o pé para cima. Minha coluna estava de um jeito que não se podia nem encostar e para completar a situação, o ortopedista disse que eu estava com osteoporose difusa.

Tombos, cadeira de rodas e o neurologista alertando:

— Não tire carteira de moto, não mergulhe, pois se bater a cabeça, terá problemas.

Creio que meu guia protetor, meu anjo da guarda, me segurava para eu não bater a cabeça e nem a coluna. Da vez que caí da cadeira, joguei

todo o corpo para cima da mão que virou. Foram três estalos para voltar ao lugar, mais gessos e fisioterapias. Sinto dores nos pés, nas mãos, na coluna e nem sei mais onde... virei uma farmácia ambulante (metaforando). Aprendi isso, ou seja, copiei.

Eu sou uma ativista da adoção. Minhas amigas adotaram crianças e em uma tarde, eu estava com o pé para cima, tentando lidar com o inchaço pós operação, quando bateram à porta. Era minha vizinha que veio me ver e dizer que iria à Vara da Infância e juventude levar uns

documentos, pois logo começaria o processo de adoção do filho dela. contei o sonho a ela. Ela me disse:

— Nossa, Adriana! Será que vem mais uma? Deve ser um aviso.

— Ah! Não sei. Nada a ver.
— respondi.

Passaram-se as horas e minha colega me chamou novamente. A Milena foi até ela e recebeu uns papéis. A colega gritou na janela:

— Peguei na Vara da Infância. Preencha e depois leve lá!

— O quê??? — Perguntei alto.

— É! Trouxe para você. É só preencher. Vai ser fácil. Você já tem o curso. Pode até dar aula sobre Adoção. — Disse e foi embora.

Engavetei os papéis. Fui vê-los após dois meses para saber o que deveria ser preenchido. E lá estava eu preenchendo.

Ainda de andador, chamei uma conhecida motorista de Uber e fui entregar os formulários. Fiz o que orientaram e aguardei.

Veio a pandemia e os atendimentos para adoção sofreram mudanças, incluindo as visitas das assistentes sociais e psicólogas. “Os dias em que a Terra parou”.

Enquanto isso, eu melhorava do pé fazendo fisioterapia. Seguia todas as regras na pandemia, mas não deixava de ir ao neurologista e me mantive afastada do serviço por anos. Com a chegada das vacinas, respeitei os protocolos.

Meus problemas comportamentais não

melhoraram: ansiosa, nervosa, agitada, dormindo mal, comendo mal, chorando, fobia social agravada, medo e sei lá mais o quê. Ainda tive Covid.

Mortes na família, transtornos, muitos amigos conhecidos partiram e Deus nos amparando.

Fiz bloqueios na cabeça novamente, várias agulhadas no couro e nos nervos da cabeça, toxina botulínica e para variar, quebrei o dedo do pé e as unhas inflamaram. Médicos, anestésias e remédios.

Minha fé continuava e na minha crença eu dizia:

— Devo ter matado um tanto de gente e quebrado muitas cabeças.

Cada hora era uma coisa!

Fiz até uma música:

Cabeça, coluna, mão e pé,
mão e pé

(Reprodução da música da Xuxa)

Em uma das consultas, o neurologista me disse:

— Caso possa, faça um teste de TEA com uma neuropsicóloga. Será bom.

Creio que você tenha autismo e vem sofrendo como as comorbidades associadas.

— Eu?! Autismo?! Que isso??? Trabalho com PcD, sei como é. Está certo que dizem que sou doida, anormal, estranha, esquisita, doente da cabeça, que não penso para falar, que sou sem educação, inquieta, que não paro, não sossego e vivo batendo nos lugares, inclusive, uma vez, meu olho ficou roxo, um hematoma horrível. Já bati o rosto na lateral da parede, eu desmaio, tenho convulsões, penso rápido, sou irritadiça, fico só no meu quarto, gosto de ler,

de estudar e cantar em um aplicativo e... — Fui falando sem parar, repetindo tudo para o médico, quando ele me disse:

— Está bem! Procure a neuropsicóloga. Não é barato. Procure também o teu psiquiatra. Tem anos que analiso tudo isso e precisamos fechar o seu diagnóstico.

Assim, fiz o que o médico pediu e interessante é que antes do próprio diagnóstico da neuropsicóloga, que não é rápido como pensam, eu tive transtornos associados a mim. Eu vivia procurando os transtornos do comportamento

para me encaixar. Até
boderline⁸ e sociopata...

Passado um tempo e um
diagnóstico inacessível
financeiramente, voltei ao
neurologista que me
diagnosticou com F84 + G43.3
+ F32.3 + R52.1 + F90⁹.

⁸ Transtorno caracterizado por um padrão
generalizado de instabilidade e
hipersensibilidade nos relacionamentos
interpessoais, instabilidade na autoimagem,
flutuações extremas de humor e impulsividade.

⁹ F84 – Transtornos Globais do Desenvolvimento
englobando oficialmente a denominação
Transtorno do Espectro Autista (TEA). G43.3 –
Enxaqueca complicada. F32.3 – Episódio
depressivo grave com sintomas psicóticos. R52.1
– Dor crônica intratável. F90 – Transtorno do
déficit de atenção com hiperatividade (TDAH).

O psiquiatra também fechou o laudo de Autismo. Que nunca nasce com a gente sem associar a algo. Medicamentos, tratamento e tudo o mais.

A pasta relativa aos meus afastamentos do trabalho é enorme e a partir do laudo, sou monitorada e tenho restrições com uma adaptação.

A assistente social da prefeitura municipal me acompanha e faço uso do abafador de ruídos.

Não aceito aposentar por invalidez, pois não sou inválida, tenho restrições e contribuo

muito alto com o Instituto da previdência e não prestei concurso por nada. Tenho uma carreira, ainda que difícil para mim.

E acontecem os shutdowns¹⁰ e *meltdown*¹¹ dá vida (uma crise silenciosa em mim). As sobrecargas são muitas. Sou sincera ao dizer, entretanto, que não aceito muitos dos laudos, questiono

¹⁰ Quando a pessoa com TEA parece ter se desligado do ambiente, por vezes procura ficar isolado ou deitado no chão. É uma crise que pode ser desencadeada por excesso de estímulos.

¹¹ Crise explosiva que ocorre em resposta a sobrecargas sensoriais ou emocionais, pode vir em forma de grito, choro, acesso de raiva e agressividade.

aos médicos, ainda que eu chegue ao consultório repetindo palavras e com estereotípias. Nestas horas, os médicos perguntam:

— Qual diagnóstico seria, então?

Aceita que dói menos...

Eu até concordo, mas a sociedade é a pior. Até pais rejeitam esse diagnóstico. Trabalho então...São poucos os que aceitam. Digo com experiência e certeza.

Depois desse contexto, eu continuava a minha trajetória e em contato com a Vara da Infância e Juventude, onde

aprovou a minha terceira e última adoção.

Eu frequentava a instituição onde adotei Milena e já conhecia uma adolescente que não queria ser adotada, mas que depois mudou de ideia. Eu ia à instituição devido a uma atividade social que exercia por lá e sempre via a Laura. Um dia, conversando com ela, soube que haviam destituído o pátrio poder de sua família biológica e assim ela optou pela adoção. Na ocasião, falamos sobre como seria o processo de adoção.

Posteriormente, após a fase mais difícil da pandemia,

entraram em contato comigo informando que Laura estava para adoção. Eu aceitei.

Começou o processo do estágio de convivência aos finais de semana e feriados em minha casa.

A pandemia ainda estava afetando e achamos por bem, Laura passar mais tempo conosco, no lugar de ir e vir, era uma prevenção. Chegou o Natal, Laura mudou-se para minha casa e depois resolvemos todos os trâmites para a adoção.

Um filho preto, uma filha morena clara e uma filha loira

natural. Estava completa a família dos adotados. Eu, os meninos, cães e gatos.

Cada um com uma diferença. Gabriel já mencionado, Milena também, eu e Laura com deficiência visual e transtornos de comportamento também.

Os desafios aumentaram. Por ser filha única, eu não tinha experiência como era a vida com irmãos, mas, bastava ver os três juntos para saber que riam juntos, brigavam por nada e não se conformavam. Milena e Laura conviveram na mesma instituição, tinha momentos que combinavam, outros, não. Por

falta de os levarem para Deus e fazer o bem, não foi. Na minha crença, eram almas que estavam no mesmo espaço para resgatarem o passado.

Viajávamos, se ajudavam, se divertiam, mas aprontavam. E eu, “mãe solo” — quem canta sozinha.

Eu sempre preservei meus filhos de contatos com algumas pessoas e lugares, pois já haviam sofrido muito e não poderiam passar por tantas coisas mais.

Laura teve o seu primeiro celular. Assim que o teve, com internet que vai de um polo ao

outro, facilitou para que ela encontrasse a mãe no Facebook. Quem segura jovem em internet? E olha que eu monitorava tudo. Conversou com a mãe e eu não cortei a conversa. Elas choravam e não quero julgar nada nessa vida. Depois Laura recebeu a visita da irmã biológica e assim foi. Laura se cortava constantemente.

A dor, o sofrimento, o abuso e a rejeição. Ela estava totalmente traumatizada psicologicamente. Laura passava por acompanhamento psiquiátrico e fazia uso de medicamentos. Era a mais

rebelde e inconstante,
nenhuma deficiência, só visual.
Para aprontar, é ótima! Pelo
destino, Laura parece muito
comigo fisicamente e até em
alguns pensamentos.

Chegou à maioridade em
contato com a mãe biológica,
com quem briga, mas ama
muito. A vida prosseguiu e por
fim, Laura resolveu morar com
a irmã biológica que já era
divorciada e mãe de dois filhos.
Assim se tornou tia e passou a
ajudar a irmã. Já é de maior.
Sabe o que quer. Não faltou
orientação e nem tapas.

Muitos podem me criticar,
mas Laura nunca mais se

cortou e resolveu viver, desistiu da morte.

Adoção não é fácil, mas é possível compreender e entender que os adotados não são nossos objetos. Têm vida própria, têm passado, vínculos que não se apagam facilmente. Eles querem suas origens, têm sentimentos dentro de si.

E não adianta dizer para mim que mãe é quem cria, porque NÃO É!

Mãe é quem gera e quem cria.

Eu fiquei nove meses na barriga da minha mãe e para alguns isso não é nada?

Me respeitem! Ninguém está no meu lugar.

Por isso, não julgo meus filhos se quiserem ver ou ter contato com seus biológicos. Eles quem devem saber o que é melhor.

E não reprima, nem ameace. É pior.

Caso não tenha a capacidade de entender que ninguém pertence a ninguém, é bom não ter filhos.

Atualmente vivemos em harmonia de conversas pelo celular. Milena está casada, morando em outra cidade. Laura foi para Goiás com a

irmã, morar na casa da mãe biológica, mas, retornou à cidade. Atualmente mora com o namorado. Fazer o quê???? Temos escolhas na vida. E eu respeito a delas, embora não concorde com muitas coisas. Gabriel vive comigo. Caso queira conhecer a mãe biológica, a conhecerá, sim. Ele tem maior comprometimento físico e mental, mas um “oi” e um abraço em quem lhe pôs nesse mundo, ele dará! E elas, caso maltratem os biológicos, as repreendo e exijo respeito. Tenho o respeito por parte dos biológicos das duas e eu por eles. Foi passado, passou...

E até hoje:

— Mãe! Mãe! Mãe! — E aí está minha referência. Elas estão bem. Isso é o que importa. Estão felizes. Quantas lágrimas sofridas em uma instituição.

Tenho TEA nível 1 e oscilo, mas ao contrário do que pensam, eu me ponho no lugar deles. Tenho empatia. Mentira de quem diz que autistas não têm empatia. Muitas vezes, não sabemos demonstrar, mas sentimos e percebemos.

Nada é fácil para mim. Sou uma mãe solo, autista, mas venci. Deus cuida bem dos

meus filhos e eu também. E assim, vida que segue. Cada dia um desafio. Não desista de você ou do que acredita. Fácil não é. E no ano de 2024 concorro, concorri, ganhei ou perdi nas eleições para vereadora da minha cidade. Como diz Roberto Carlos na música:

O IMPORTANTE SÃO AS
EMOÇÕES QUE EU VIVI.
Sejam boas ou não.

EPÍLOGO

Nessa narrativa, de frases simples, ditas ou escritas, eu trouxe um pouco sobre minha vida. Não deu para registrar tudo o que passei. Tive momentos tristes e alegres também, como todo ser humano na Terra.

Adriana, DRIAUTISTA, um pseudônimo ou um apelido que me dei após diagnóstico e laudos, algo que me fortaleceu para me aceitar e me apresentar às pessoas quem realmente sou.

Eu me redescobri.

Agora, entendendo, sem usar estratégias para ser “normal”, sem copiar as colegas, seus comportamentos, suas vestes. Compreender porque falo o que penso e não sou sempre a má educada por ser sincera. Sabendo que preciso me autorregular, me auto ajudar, usar meus remédios corretamente e se não estou bem, não precisar fingir que estou para agradar.

Estou mais saudável mentalmente, pois não me cobro tanto e nem me culpo sempre. Mas, ponderar-me sempre é útil.

O medo vai sumindo aos poucos e percebi que eu tinha medo era de mim mesma. Hoje, podem me chamar de doida à vontade. Não sou doida, sou criativa e se é bom para mim, prefiro sempre estar na realidade. Não ficarei só nessa obra. Ainda tem coisas, como dizem... Para serem ditas.

Não culpo meus pais por nada, na época, pelo que diziam ou agiam. Eles fizeram o que podiam por mim.

Compreendo que quem não quis estar ao meu lado, não me magoou, simplesmente ignorava quem eu era e me fez

um enorme favor se afastando.
Me senti aliviada.

Sou muito EU mesma.
Mães, pais, avós, familiares e a
sociedade não devem usar de
pena ou dó para conosco.
Somos capazes, e muito!

A DRIAUTISTA é uma
pessoa que se libertou
(metáfora) do casulo, da casca
do ovo. Saiu para fora. Não
gosto de metáforas, mas Jesus
as usava para que
compreendêssemos o que dizia
e é assim que muitos irão
entender o que quero dizer.

Eu não preciso e nem tenho
que esconder nada da minha

vida. Sou a LOGO que construí para as camisetas, um pássaro liberto, com o quebra-cabeças e o infinito em seu corpo.

Minhas lutas são sucessivas, não mais que as dos outros, que passam por momentos de várias aflições. A solução para isso começa na ACEITAÇÃO.

O sensacionalismo, a romantização e o capacitismo real em nossa vida têm servido para muitos oportunizarem e ganharem dinheiro às nossas custas.

Isso é fato.

Querem ganhar muito com propagandas e notícias escabrosas. E também conquistando a humanidade com falsas interpretações sobre o Autismo. Apresentam curas entre outras facetas, mas na verdade não estão interessados na causa.

Oportunistas que querem usar o transtorno para ter preferências em setores públicos. Usam de pesquisas que não têm fundamentação científica nenhuma e os pais e a comunidade dos autistas em busca de uma solução, entram nessa onda gigantesca de tanta hipocrisia.

Séries de TV que mostram um perfil de característica de inteligência superior a todos os TEA. Consideram os TEA os gênios do mundo e nem sabe de fato o que representa esse termo “gênios”. Equivocam-se os produtores das séries e a enganação gera um alto IBOPE de audiência e a credulidade humana acompanha e vibra, sem saber a realidade e iludida se extasia acreditando que o seu filho será assim, como o da série de televisão.

A realidade é bem diferente e não está equivocada.

A DRIAUTISTA
aprofundou-se em estudos, em

palestras e cursos para se entender melhor e entender o filho com TEA e outras comorbidades associadas.

A ânsia que é natural de minha pessoa, é desmistificar mesmo muitas coisas por aí nas mídias, em artigos e nas falas.

Sei que cada TEA é único, peculiar e que seus pais vivem em situações distintas.

O capacitismo foi vivenciado por mim no meu trabalho e o mais preocupante é que envolveu um departamento de Educação Inclusiva em minha cidade, que

ao invés de incluir, ainda exclui muito. Talvez lá exista para mim, um grupo de pessoas despreparadas que assumem um “emprego” e não sabem o que fazem nele.

E assim se é com o adulto e com todos, pois a criança autista vai crescer e se tornar adulta.

Temos uma Legislação Brasileira que não é cumprida dignamente com os PcD, em geral.

Vemos pessoas que ocupam altos cargos em Congresso Nacional, que são parlamentares ou atuam em

chefias de sessões, e mesmo tendo em mãos a LBI¹², falam cada frase bizarra que contradiz tudo e não aceitam pessoas capacitadas ou estudos com base em evidência científica, como o Parecer 50¹³ que norteia educadores e escolas sobre o PEI¹⁴ adequado e ignoram tudo.

¹² Lei Brasileira de Inclusão – 13.146/2015 – que assegura e promove os direitos da pessoa com deficiência.

¹³ Um guia essencial para assegurar um atendimento adequado ao estudante com TEA dentro da Escola.

¹⁴ Plano Educacional Individualizado – desenvolvido para cada aluno e visa o desenvolvimento acadêmico.

Sinceramente, sendo sincericídia: Vá estudar e vá para uma sala de aula com cinco autistas dentro dela, um professor regente e quando tem, um profissional de apoio. Geralmente são crianças hiperativas e TOD associados. Tenha um filho com TEA e conviva com ele, não importa o nível.

AUTISTA É AUTISTA,
ponto final.

Tem aquelas pessoas que ficam dando “receita de bolo” para todos os pais atípicos. PARA POR AÍ. Respeitem a fragilidade desses pais.

Eu adoeci depois do favor do capacitismo comigo no início do ano de 2024. Então, repensei e decidi que quanto mais eu aprender com as Leis e com meus pares, melhor será.

Conheci vários deles em São Paulo, na Convenção Atípica¹⁵. Saí de lá maravilhada por ouvir verdadeiras histórias de vidas, conhecer escritores, médicos, terapeutas e gente que entende a gente.

Com a precariedade de assistência aos PcD e aos

¹⁵ Evento organizado por Naty Souza – influencer autista, que contou com palestrantes e expositores com TEA.

autistas no Brasil, algo tem que ser feito. A situação tem piorado, planos de saúde suspendem atendimento, tratamentos, acompanhamentos e os “poderosos” do Congresso sem a mínima noção da Terra em que vivem.

Ainda bem que temos uma deputada Autista e agora virão outros e mais outros pela causa.

Dinheiro para SHOWS, FUTEBOL, VACAS DE RAÇA e sei lá mais o quê, têm! Mas fundos para investir em pessoas, NÃO TEM.

Sou sincera. Eu me envergonho de dizer que um país rico como este é pobre em empatia, pobre na área da saúde educação e segurança.

Este país era para dar sustentabilidade a outros países. Aqui, se não fosse a utopia política, seria o melhor lugar para se viver e fazer o melhor para quem precisa.

A DRIAUTISTA resolveu se candidatar a vereadora na cidade dela. Não tenho expectativas quanto a ser eleita, mas não desisti de viver.

Até quando viveremos assim? Tem que ter o problema para enxergar o outro?

Jesus foi e será o ser mais sábio que pôs os pés nesse planeta. Tudo o que Ele diz é o certo e nós não O aceitamos até hoje.

ANTICRISTO é... Quem sabe quem é Jesus e não O segue.

Somos nós. Doa a quem se condoer. Falar de Jesus é fácil, mas estar com Ele é difícil.

As pregações, ações sociais e tantas coisas em nome de Cristo, sem respeito,

amor e empatia é apenas vaidade mesmo.

Aqui eu não falo de religião, pois tenho a minha que é sublime. Nós, os adeptos é que não fazemos o que ela nos ensina. Assim também são as outras.

Na minha crença se diz:

O acaso não existe. Se eu passo por aflições e dores, se a consequência não tem nada a ver com essa vida, é certo que tem a ver com as outras pregressas.

Não sou AUTISTA porque Deus achou bonito eu ser. É porque tenho dívidas pretéritas

a resgatar. Os pais também têm um compromisso enorme e a sociedade mais ainda.

Essa é a minha crença. Podem contestar, cada um com a sua crença e opinião. Não fiz essa obra para converter ninguém.

Encontre Deus e Jesus na tua vida. Isso basta. Só não aceite nunca dizerem que somos uma aberração, vinda das trevas. Pastor, que deve pastar pra aprender respeitar o outro e a Deus. Bíblia nele.

Sendo assim, finalizo esse desabafo, esse pedido de análise sobre nós PcD, uma

petitória de estudo,
conscientização e
sensibilização com a causa.

Ser político não é comprar seu voto ou ir lá assinar o ponto e ganhar o dinheiro público. Ser político é saber o que quer e o que vai fazer, pois a sua consciência prestará contas à vida e a Deus. Em minha opinião, para ser político tinha que prestar concurso ou passar por um processo seletivo de conhecimentos gerais, políticas públicas, matemática, economia, administração pública, redação, idiomas, entre outros. Ah! E conhecimento de Leis, senão é

mais um “boneco” para sentar nas cadeiras.

Continuo a vida mais confiante e sendo eu mesma. Exijo meus direitos, mas também devo cumprir com os meus deveres para com a sociedade.

Não somos alienados ou bobos, porém, em muitos casos, é mais fácil sermos enganados. Precisamos de suporte e segurança nos aeroportos, hotéis, nas transações bancárias e em outras situações.

Isso é ter empatia.

O descaso público não deve ocorrer com ninguém.

Políticas públicas, por gentileza, e não enganação pública.

SOBRE A AUTORA

Adriana Freitas Neves tem diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), suporte nível 1 com comorbidades associadas: Maneirismo, estereotipias, TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e transtorno de conduta. Apresenta compulsão por relógios. Foi adotada e é mãe de três filhos adotivos. Professora concursada em 2 cargos públicos, é aposentada

em um dos cargos. Graduada em Química, pós-graduada em Neuropedagogia e Dificuldades na aprendizagem, tem formação em Educação Ambiental, Gestão, Supervisão e Inspeção Escolar. Trabalhou na Rede Estadual por 22 anos como professora regente de Química e Educação Especial (APAE). Professora Supervisora de Química pela UFTM. Ministrou aulas em Cursos Preparatórios para Carreira Militar, no Ensino Fundamental na Disciplina de Ciências e Matemática. Professora do AEE, Profissional de Apoio. Participa dos eventos da ONG UNIDOS

PELO AUTISMO. Possui vários cursos de capacitação em Inclusão, PcD e Autismo. Atua na Educação Infantil e é voluntária em trabalho de Adoção. Possui Carteira de Habilitação. Tem Capacitação em Química. 32 anos de trabalho na rede municipal. Capacitação em Cegueira e Baixa-Visão. Tem o Espiritismo como doutrina Cristã, assim como as demais religiões. É metódica e no atual momento da produção do livro, concorre como Vereadora. Ativista de uma Inclusão significativa e integrativa na sociedade e Escolas. Na infância adorava animais, preferindo o Tubarão

branco. Tem cachorros e gatos adotados.